

Conversa sobre *Menos que nada* (2011), com Carlos Gerbase

MARIA DO SOCORRO CARVALHO
UNEB



Como pesquisadora do cinema brasileiro, estou em Porto Alegre realizando um estágio pós-doutoral na PUCRS para investigar a recepção gaúcha do cinema produzido na Bahia, a partir dos anos 2000. Não posso afirmar que os “filmes baianos” sejam muito vistos por aqui, mas a busca promoveu um feliz encontro meu com a cinematografia do Rio Grande do Sul. Particularmente com o cineasta Carlos Gerbase, também professor de cinema da PUCRS, que generosamente aceitou fazer a supervisão de minha pesquisa. O contato com o cineasta e sua filmografia amplia as possibilidades de debates culturais em torno de produções cinematográficas regionais – como a gaúcha e a baiana –, em larga medida invisíveis para o resto do país. Em nossos encontros, Gerbase me apresentou suas primeiras experiências em super-8, desde o clássico *Deu pra ti, anos 70* (Nelson Nadotti e Giba Assis Brasil, 1981), no qual atuou na produção e como assistente de direção, até *Inverno* (1983), seu primeiro longa-metragem; tratou de sua estreia na direção de longas-metragens em 35mm, com *Verdes anos* (1984), além de ter iluminado sua produção filmica recente (já bem mais conhecida fora do âmbito gaúcho), ao discutir o processo de criação de *Tolerância* (2000), *Sal de Prata* (2005) e *3 efes* (2007). Nesta entrevista, ele fala de *Menos que nada*, o filme que acaba de realizar, com lançamento previsto para o início de 2012.

1 O que é *Menos que nada*?

□ *Menos que nada* é meu sexto longa-metragem de ficção. Foi realizado com baixo orçamento (640 mil reais), dirigido por mim e realizado pela Casa de Cinema de Porto Alegre. O suporte de realização é o vídeo da alta definição (HD), usando Canon 5D, e a exibição em salas de cinema digitais. Sua trama gira em torno do tratamento de um doente mental internado há dez anos num hospital psiquiátrico, onde foi esquecido pela família, pelos amigos e pela sociedade. Por ser um filme em HD, o roteiro incorpora a textura eletrônica das imagens, pois o trabalho de pesquisa sobre o paciente abandonado,

executado pela médica do hospital psiquiátrico – que são as entrevistas com pessoas que se relacionavam com o paciente antes de sua internação –, é todo feito em vídeo.

2 Tomando sua trajetória no super-8, cuja produção é quase sempre marcada pelo chamado “cinema de amigos”, o que significa *Menos que nada* ser uma realização da Casa de Cinema de Porto Alegre?

□ A Casa de Cinema, hoje, é uma empresa. Perdeu seu caráter de cooperativa, de reunião de amigos com propósitos comuns. Temos as mesmas dificuldades de qualquer produtora comercial. Quando eu fiz *3 Efes*, em 2007, com um orçamento de 100 mil reais, estava indo atrás daquele velho espírito juvenil, em que o filme está acima de tudo, inclusive do dinheiro. Foi uma experiência fantástica, que pretendo repetir, possivelmente já fora da Casa de Cinema.

3 Qual a origem do filme, como se deu seu processo de criação, já que envolve temas complexos como psiquiatria e arqueologia?

□ *Menos que nada* é a adaptação do conto *O Diário de Redegonda*, do médico e escritor austríaco Arhur Schnitzler (1862-1931). Trata-se de um texto curto (oito páginas), mas de grande densidade dramática, em que Schnitzler conta a história de um escriturário que se apaixona perdidamente pela esposa de um militar e, sem qualquer possibilidade real de aproximar-se dela, constrói um universo imaginário para viver seu amor. Embora a trama original se passe na Viena do final do século 19, o conflito psicológico retratado é universal e atemporal, permitindo uma adaptação que dialoga com os espectadores cinematográficos contemporâneos. O estilo literário peculiar de Schnitzler, que mescla realismo e sonho, ação e devaneio, foi mantido em sua essência desde os primeiros tratamentos. Posso defini-lo como um drama psicológico, embora também tenha alguns traços de suspense e erotismo. Schnitzler era

um arguto observador do comportamento humano – em suas glórias e em suas misérias – e a adaptação procurou manter esse caráter analítico da sociedade, que pode ser inferido a partir dos dramas individuais. Para isso, foi fundamental colocar a trama num contexto brasileiro e mais próximo ao espectador atual. Em vez de Viena, Porto Alegre. Em vez de final do século 19, início do 21. Assim, o personagem principal foi transformado num arqueólogo de pouca ambição, quase um burocrata, que trabalha com a liberação de obras, redigindo e assinando alvarás. Ele vive com o pai (um policial aposentado), num pequeno apartamento e praticamente não tem vida social. Já a mulher por quem se apaixona, transforma-se em uma arqueóloga carioca de destaque no meio universitário, que vem para um congresso em Porto Alegre. Dante (esse é o nome do personagem) apaixona-se por esta mulher, para ele inatingível, e a partir daí sua vida muda inteiramente.

4 Todos esses elementos remetem à psicanálise de Freud, contemporâneo de Schnitzler naquela efervescente Viena *fin-de-siècle*. Como você lidou com o pensamento freudiano na concepção do filme?

□ No desenvolvimento da última versão do roteiro, teve papel decisivo a leitura – indicada pelo psiquiatra Celso Gutfreind – de um ensaio de Freud, “Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen”, em que um conto é analisado em profundidade com ferramentas psicanalíticas. Há um detalhe surpreendente nesse ensaio: o personagem principal da ficção de Jensen é um arqueólogo, a mesma profissão de Dante, o anti-herói de *Menos que nada*. Coincidência? Talvez não. A investigação psicanalítica pode ser encarada como uma escavação que parte da superfície visível do ser humano e vai penetrando em camadas cada vez mais profundas da sua psique. Esta metáfora já estava colocada – de forma intuitiva – nas versões iniciais do roteiro. Nosso trabalho foi incorporar ao roteiro novas camadas de significados, sem medo de pensar a trama numa perspectiva mais psicológica que nas versões anteriores. Evitamos o jargão e buscamos aproveitar o que o discurso freudiano tem de mais dramático e facilmente assimilável pelo homem contemporâneo comum.

5 Arthur Schnitzler, Sigmund Freud, doença mental, arqueologia... como tratar com rigor referências tão complexas em um filme de ficção que pretende atingir um público amplo?

□ Desde a primeira leitura do conto de Schnitzler, ficou claro que fazer ficção tendo como base um personagem psicótico, que delira e confunde a realidade com o seu imaginário, exigiria dois cuidados essenciais: pesquisar sobre o tema, para conhecê-lo e dar verossimilhança à

abordagem; e depois manter o roteiro longe de soluções excessivamente esquemáticas e psicanalíticas. Sabemos que Freud admirava os contos e romances de Schnitzler e dizia que o escritor estava fazendo na literatura o que ele, Freud, fazia na ciência: desvendar o inconsciente humano. A estratégia no último tratamento de *Menos que nada* foi usar o conhecimento científico para aprofundar a trama ficcional, sem torná-la didática. Por isso, consultamos ainda os livros *Teoria e clínica da psicose*, de Antonio Quinet, *Psicose e mudança*, de Diatkine, Frings, Andreoli, e *Psiquiatria e anti-psiquiatria*, de David Cooper. Estes textos deixaram claro que a doença mental tem uma relação íntima com o imaginário e com a linguagem. O psicótico, em seu delírio, está criando um mundo em que possa viver, já que a realidade é insuportável. Assim, o seu delírio é, ao mesmo tempo, sintoma de uma doença (para quem observa) e tentativa de cura (para o próprio doente). A psiquiatra Paula, que conduz a narrativa do filme através da sua investigação, sabe que o delírio de seu paciente Dante não é uma coleção aleatória de ações. Mas dar significado a essas ações não é tarefa fácil, tanto que o seu preceptor no hospital psiquiátrico, o Dr. Sérgio, já desistiu de Dante, considerando-o irrecuperável. A jovem médica se impõe o desafio de ajudar Dante e, à medida que avança, percebe que o próprio Dante quer ajudá-la. As entrevistas em vídeo (mostradas para Dante) e a diminuição da medicação fazem com que ele volte a se comunicar. Mas isso também faz de Dante um paciente mais agitado e, quem sabe, até mais perigoso. Paula terá de insistir e se arriscar para obter resultados. Mas essa é a única forma de resgatar parte a vida psíquica de Dante. *Menos que nada* procura abordar a doença mental de modo não-dogmático. Não se trata de uma denúncia do sistema manicomial, nem de uma exposição de teses freudianas. É o relato de uma situação bastante comum na sociedade brasileira – o quase abandono de doentes mentais – e a história de uma médica lutando para dar uma vida mais humana para seu paciente, o que implica desvendar seu passado.

6 Ao falar do filme, você mencionou vários tratamentos do roteiro. Que importância tem o roteiro em seu cinema, e como se deu o trabalho de roteiro na construção de *Menos que nada*?

□ Além de trabalhar com cinema, também tento fazer literatura. Escrevo contos desde os 12 ou 13 anos. Além disso, gostava de fotografia e tinha um laboratório em casa. Isso talvez explique minha incursão pelo cinema (narrativas mais imagens = filmes). Assim, o roteiro foi a minha porta de entrada para o cinema. Era relativamente fácil transformar meus contos em roteiros. Em *Menos que nada*, que é um roteiro original, foram muito importantes as leituras prévias, como Schnitzler e Freud.

7 A literatura de Schnitzler e o pensamento de Freud; a Viena da passagem do século XIX ao XX e a Porto Alegre do século XXI; burocracia estatal, saúde mental, arqueologia... Como esses dados se articulam na narrativa de *Menos que nada*?

□ A principal solução narrativa é bastante óbvia: acompanhar um estudo de caso de uma psicose desde que o seu começo até sua apresentação para uma banca de avaliação. Isso permitiu amarrar o que pode ser amarrado e, ao mesmo tempo, valorizar os muitos pontos obscuros que restam sem solução. A complexidade temporal foi inevitável: dois tempos principais, mais dois tempos progressivos, que dão sentido aos mais atuais. Basicamente, a estrutura temporal foi construída em quatro dimensões: o presente da investigação psiquiátrica; a trama principal, que ocorre 10 anos antes da investigação, quando o Dante teve seu primeiro desabamento psíquico; a Infância, vivida 25 anos antes da investigação, contando fatos decisivos na vida de Dante, então uma criança de 10 anos; e finalmente, a Pré-história, 11 mil anos antes da investigação, um tempo imaginado a partir da descoberta de alguns fósseis. Os acontecimentos deste passado remoto têm consequências no quadro clínico presente de Dante. Esses tempos são camadas que se apoiam mutuamente. E o encontro dos três passados, que só acontece no final da trama, fornece uma nova significação do presente para o espectador.

8 E como foi materializada a concepção da imagem?

□ O roteiro de *Menos que nada* aponta para uma representação realista, que se aproxima do gênero documental, graças ao uso das entrevistas feitas pela médica com as pessoas que conheciam Dante antes de sua internação (a idéia é usar uma resolução menor que a no restante do filme, caracterizando a câmera da médica como “amadora”). Posso citar um momento delicado da representação, a cena que acontece 11 mil anos antes do presente, mostrando o ataque de um tigre de dentes de sabre a um casal de seres humanos. A solução – já descrita no roteiro – é concentrar os esforços na caracterização visual do homem e da mulher, deixando que os efeitos sonoros construam o tigre. Caberá ao espectador imaginar as suas formas a partir de seus rugidos e dos gritos de suas vítimas, além de sombras e rápidos (nunca mais de dois segundos) detalhes de seu ataque, em computação gráfica.

9 Você – e o seu cinema – têm fortes ligações com a música. Como ela está presente em *Menos que nada*?

□ Sempre tento pensar a música quando estou escrevendo o roteiro. No caso de *Menos que nada*, comecei a ouvir muita percussão, de todo o mundo.

Baixei pela internet sons de tambores africanos, japoneses e tibetanos. Também ouvi muita música de instrumentos de sopro. A ideia era fazer uma trilha com sonoridades “primitivas”, pois o filme fala de arqueologia e de como o passado pode determinar o presente, especialmente se não conseguimos compreender o que aconteceu. Chamei uma grande baterista, Biba Meira, um músico com forte relação com a cultura oriental, o Nenung, e mais o 4Nazzo, que tem uma incrível capacidade de sintetizar e de unir concepções musicais. A trilha está quase pronta, e acho que ela ficou fantástica.

10 De modo geral, qual é sua relação com os atores, e como se deu a escolha do elenco de *Menos que nada*?

□ Gosto de atores que estejam realmente disponíveis e entusiasmados com o filme. Não foi fácil fazer o elenco. Tive que trocar dois nomes muito importantes quando faltavam três meses para começar a filmar. Mas, nos últimos ensaios, já percebi que tínhamos conseguido formar um time muito bom. Além de ensaiar o máximo possível (mesmo com as dificuldades de juntar artistas gaúchos e do centro do País), mandei muitas referências de livros e filmes (o mais importante deles é *Ela se chama Sabine*, de Sandrine Bonnaire¹). O resultado me agrada bastante. O quarteto principal – formado por Felipe Kannenberg (gaúcho), Branca Messina (carioca), Rosanne Mulholland (brasiliense) e Maria Manoella (paulista) – deu uma certa universalidade (ou brasilidade) ao filme, que eu não conseguiria com elenco 100% gaúcho. Gosto de misturar, sempre que possível.

11 Em que medida sua prática como professor de cinema está impressa em seus filmes?

□ Acho que é o contrário: meus filmes estão impressos em meu trabalho como professor. Comecei na universidade em 1981, no curso de Comunicação (sou jornalista), sem a menor pretensão acadêmica, levado pelas circunstâncias. Eu não sabia nada de teoria, só de prática. Ajudava os alunos a fazerem seus filmes. Só muito depois fiz mestrado e doutorado, li bastante sobre cinema e comecei a teorizar. Respeito muito os teóricos do cinema, mas com certeza não sou um deles. Sou um realizador que reflete sobre o que faz e tenta ajudar outras pessoas a fazerem seus trabalhos cinematográficos e acadêmicos. Mas tenho muito orgulho de ter ajudado a criar o TECCINE², que é um excelente ponto de partida para um jovem que deseja fazer cinema.

¹ No Brasil, o filme recebeu o título de *O nome dela é Sabine* (*Elle s'appelle Sabine*, França, 2007).

² Curso Superior de Tecnologia em Produção Audiovisual da Faculdade de Comunicação Social (FAMECOS) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

12 Este é o seu sexto filme de longa-metragem em quase trinta anos de atuação profissional como cineasta. Quais as suas principais motivações para criar *Menos que nada*, pensando, por exemplo, em possíveis relações com sua produção anterior?

□ Realizar *Menos que nada* foi, para mim, um aprofundamento e uma radicalização de ideias que já vinham sendo desenvolvidas em meus filmes: a imaginação como elemento constituinte (e formador) da existência humana; as dificuldades que todos temos de relacionar o mundo imaginado com alguns de nossos instintos mais básicos e que nos aproximam muito dos animais, em especial as pulsões sexuais; os paradoxos daí resultantes, que estabelecem uma tensão permanente, e às vezes insuportável, entre a racionalidade e a animalidade; o cinema como a mais poderosa máquina de criar imaginários, pois é capaz de representar mundos com grande verossimilhança, e mesmo assim plenamente estéticos e arbitrários.

O tema da imaginação está bem presente em meus últimos filmes. Em *Tolerância* (2000), um editor de fotografias usava tecnologias digitais para alterar as imagens, adequando-as ao gosto de público (em seu trabalho profissional) e às suas próprias fantasias (ao navegar na internet com o *nick* “Ivanhoé” e criar imagens falsas de uma garota por quem se apaixonou). A sua imaginação acaba trazendo problemas bem concretos ao seu casamento. Em *Sal de Prata* (2005), uma economista bem sucedida tentava descobrir, em roteiros de filmes encontrados no computador do namorado recentemente falecido, conexões entre a ficção e a realidade de suas vidas. Incapaz de desvelar esta relação, ela própria começa a imaginar um passado, baseado em seus maiores temores. Em *3 Efes*, a imaginação, chamada agora de “fasma”, é explicitamente citada como um dos aspectos fundamentais da existência humana, ao lado da fome e do sexo. Uma jovem estudante é obrigada a prostituir-se para sustentar o pai e o irmão, descobrindo que, antes de “ser” uma garota de programa ela precisa imaginar-se como tal. Ou seja, precisa descobrir uma linguagem que componha esse novo personagem.

Em *Menos que nada*, minha motivação principal é dar mais um passo nesse conjunto de reflexões sobre a imaginação humana. Pretendo que esse passo ultrapasse os limites da imaginação dita normal e penetre no campo das imaginações ditas patológicas. Como Dante, o personagem principal de *Menos que nada*, perdeu a noção da realidade, em vez de usar a linguagem para construir um mundo mental capaz de dar significados à existência, é “usado” pela linguagem, transformando-se num ente de significados incompreensíveis. A psiquiatria e a psicanálise criaram um grande conjunto de denominações para as patologias mentais – sendo a esquizofrenia e a psicose as que mais se aproximam do estado desse personagem –

mas pretendo mostrar que essas classificações são inúteis se não houver, na base do tratamento, o reconhecimento do doente como um ser humano completo, em suas dimensões físicas e psíquicas.

13 Então há também a pretensão de discutir a dimensão humanista do tratamento que nossa sociedade dispensa aos doentes mentais?

□ Sim. Creio que foi apenas no último tratamento do roteiro, em que foram introduzidos novos personagens e uma nova dimensão temporal, que esta necessidade ficou mais claramente exposta. Paula, a psiquiatra que assume o tratamento de Dante, funciona como um detetive. Ela está interessada em encontrar as origens do desequilíbrio mental do seu paciente, em vez de simplesmente classificá-lo como “crônico” ou “incurável”. A noção de que a esquizofrenia, em suas formas mais severas, não tem perspectiva de cura, não significa que o doente perdeu sua condição humana e está condenado a uma existência sem qualquer comunicação com o outro e com a sociedade. Freud já anunciava que a psicanálise, em muitos casos, tenta transformar um sofrimento insuportável em infelicidade comum. É assim que se comporta a psiquiatra Paula em relação a Dante. Outra noção importante é de que o processo de degeneração mental nunca está totalmente desligado das relações familiares e sociais. As entrevistas feitas pela médica permitem que ela desvende, pelo menos parcialmente, as razões da primeira grande crise de Dante, e, a partir daí, talvez torne possível imaginar uma existência mais humana para um homem que já tinha se transformado em “coisa”.

14 Para além da questão humana, percebe-se ainda uma preocupação social no modo como o filme aborda o tema da doença mental. Ou seja, com *Menos que nada* há o desejo de ampliar o debate cinematográfico em torno da questão manicomial no Brasil, como já fizeram outros filmes brasileiros recentes?

□ Acredito que *Menos que nada* trará para a pauta de discussões um tema importante para a saúde pública no Brasil. A falência do sistema manicomial brasileiro, construído no século 19, é bem evidente, mas a sua substituição por uma rede descentralizada de atendimentos é mais um desejo que um fato. Há uma grande carência por leitos para os doentes mentais, o que torna impossível simplesmente desativar os grandes hospitais psiquiátricos. O personagem principal de *Menos que nada* está internado numa destas instituições, e a sua realidade é compartilhada por milhares de brasileiros. O abandono destes doentes por suas famílias é também uma triste realidade. Sem serviços especializados para receber – em regime de hospital-dia ou ambulatorial – seres que não conseguem viver normalmente em seu meio social, a permanência,

por anos a fio, solitários, num hospital psiquiátrico, ainda é um destino possível em pleno século 21.

Lembro que em setembro de 2008, segundo o jornal *Estado de São Paulo*, o Brasil tinha 1.202 Centros de Atenção Psicossocial (Caps) – o principal recurso terapêutico no tratamento de doenças mentais graves – o que representa uma cobertura de 0,51 unidade por 100 mil habitantes, pouco mais de 50% do necessário. Já a relação de leitos destinados a pacientes psiquiátricos em hospitais-gerais no país é de apenas 0,25 por mil habitantes, quando deveria ser de, no mínimo, 0,45, segundo definições da Política Nacional de Saúde Mental. A consequência desses números é perversa: ou simplesmente ficam sem tratamento, ou os doentes não escapam do antigo sistema manicomial.

Menos que nada conta então a história de um destes doentes. Há dez anos internado no Hospital Psiquiátrico São Pedro, em Porto Alegre, ele é considerado um “caso perdido” até que uma jovem psiquiatra decide tratar dele e estudá-lo. Ao dramatizar esse processo, o filme mostra como uma pessoa aparentemente alienada da realidade pode ser conduzida a um outro patamar, mais digno e mais humano, mesmo que isso não signifique propriamente uma “cura”. Misto de investigação médico-científica e processo de reconstituição da história pregressa do paciente, o trabalho da psiquiatra é uma lenta aproximação do que resta de humano num ser que já se ‘coisificara’ no cotidiano do hospital. A trama de *Menos que nada* parte de fatos já bem conhecidos da psicose – em sua maioria desvendados por Freud ainda no começo do século 20 – mas que ainda são misteriosos para o cidadão comum. Sem didatismos, e sem trazer dogmas para o mais subjetivo dos temas, *Menos que nada* pretende lançar alguma luz para um problema que a sociedade tem deixado nas sombras.

15 Sabe-se que a exibição é hoje o grande entrave do cinema brasileiro, já que a maior parte da produção – sobretudo os filmes de baixo/baixíssimo orçamento como o seu caso – não conseguem permanecer por mais de uma semana em cartaz, ou nem chegam às salas de cinema. Por outro lado, em 2007, *3 Efes* teve lançamento simultâneo em cinema, TV, internet e DVD. Qual o resultado dessa experiência? Ela se repetirá no lançamento de *Menos que nada*?

Sim. Faremos igual, ou melhor. A única diferença é que *Menos que nada* deverá tentar participar de alguns

festivais, com uma visibilidade maior do que *3 Efes*. Mas o lançamento deve ser bem parecido.

16 A partir de sua experiência como cineasta radicado em Porto Alegre, distante portanto do eixo dominante Rio-São Paulo, e também como professor de cursos de cinema e audiovisual, como você avalia esse atual momento do cinema brasileiro no que diz respeito à produção de filmes?

Produzimos bastante, e com uma média de qualidade bem legal (embora ainda abaixo do cinema argentino). Mas temos uma péssima relação com o mercado de salas. Muitos filmes nem entram em cartaz, ou são expulsos por produtos inferiores (inclusive comercialmente) vindos de Hollywood, devido aos acordos dos distribuidores com os exibidores. Ou encaramos esse fato, e criamos leis eficientes, ou vamos continuar levando surras diariamente dos gringos, que têm o melhor e o pior o cinema do mundo. Temos de aplaudir o melhor e dar um chute bem dado no pior.

17 Para encerrar, qual a sua expectativa para a recepção de *Menos que nada*, tanto de crítica quanto de público?

A crítica brasileira é, de modo geral, uma crítica jornalística. Sinto falta de análises mais profundas, de base estética. Mas toda crítica é sempre bem-vinda. Aprendi, em mais de 30 anos fazendo filmes, que é preciso ter a pele grossa e aguentar algumas opiniões absurdas e mal escritas. É incrível como algumas pessoas despreparadas conseguem espaço na mídia. Mas também há muitos profissionais de qualidade. É neles que presto atenção. Quanto ao público, vou fazer muita força para que ele vá assistir ao filme. Sempre me preocupo com divulgação, com distribuição, e vamos fazer até duas exibições-teste, em Curitiba e Brasília, em outubro, pra ver como está a recepção. Mas tem uma coisa que não consigo fazer: seguir os conselhos de quem acha que sabe o que o mercado quer. Eu mal sei o que eu mesmo quero. Cada filme é uma nova tentativa de descobrir.

Recebido: 05 de abril de 2011
Aprovado: 20 de maio de 2011